

William Faulkner

a Cavallo



WILLIAM FAULKNER, 1958
Fotografia de Ralph Thompson

De acordo com a lenda pirosa da literatura, William Faulkner escreveu o seu romance *Na Minha Morte* em seis semanas e na mais precária situação, a saber: enquanto trabalhava numa mina, no turno da noite, com as folhas apoiadas no carrinho de mão virado e iluminado pela luz mortiça da lanterna do seu próprio capacete poeirento. É uma tentativa da lenda pirosa para fazer ingressar Faulkner na hoste dos escritores pobres e sacrificados e um pouquinho proletários. As seis semanas é o único dado que está certo: seis semanas de Verão em que aproveitou ao máximo os longuíssimos intervalos de que gozava entre cada pazada de carvão para a caldeira que tinha a seu cargo numa central eléctrica. Segundo Faulkner, ali ninguém o incomodava, o ruído contínuo do enorme e velho dínamo era «apaziguador» e o lugar «morno e silencioso».

Do que não há dúvida é da sua capacidade para se abstrair quando enfronhado na escrita ou na leitura. O emprego na central eléctrica fora o pai que lho arranjava depois de ter sido despedido do seu trabalho anterior, como chefe da estação de correios da Universidade do Mississippi. Ao que parece, houve um professor qualquer que apresentou razoáveis motivos de queixa: a única forma de obter a sua correspondência era rebuscando no caixote do lixo das traseiras, onde com frequência iam parar directamente, por abrir, os sacos de cartas recebidos. Faulkner não gostava que lhe interrompessem a leitura, e a venda de selos caiu de maneira alarmante: a modos de explicação, Faulkner disse à família que não estava disposto a levantar-se continuamente para ir atender ao *guichet* e ter de agrade-

cer a um filho da mãe qualquer o facto de ter dois cêntimos para comprar um selo.

Talvez tenha sido aí que Faulkner ganhou uma inegável aversão e desprezo pelo correio. Quando morreu, foram encontradas pilhas de cartas, encomendas e manuscritos enviados por admiradores, que nunca tinha aberto. Na realidade, só abria os envelopes enviados pelas editoras, e mesmo estes com enormes precauções: fazia uma pequena ranhura e sacudia-os para ver se assomava um cheque. Se não era assim, a carta ia fazer parte daquilo que pode esperar eternamente.

O interesse que manifestava pelos cheques foi sempre grande, mas não deve deduzir-se disto que era um homem ganancioso ou avarento. Muito pelo contrário, era um esbanjador. Gastava rapidamente o que ganhava, depois vivia a crédito uma temporada, até que chegasse outro cheque. Pagava as dívidas e voltava a gastar, sobretudo em cavalos, tabaco e uísque. Não possuía muita roupa, mas a que tinha era cara. Com dezanove anos ganhou a alcunha de «O Conde» por causa da sua afectação no vestir. Se a moda ditava calças justas, as dele eram as mais justas de toda a Oxford (Mississippi), a cidade onde vivia. Daí partiu em 1916, para ir para Toronto treinar-se com o Royal Flying Corps britânico. Os americanos não o tinham aceitado por falta de estudos suficientes e os ingleses não o quiseram por ser baixo, até que ameaçou passar-se para os alemães.

Numa ocasião, um jovem foi visitá-lo e encontrou-o com o cachimbo apagado numa mão e a outra ocupada a segurar as rédeas de um pónei que a filha Jill montava. O jovem, para quebrar o gelo, perguntou há quanto tempo a rapariga sabia montar. Faulkner não respondeu logo. Depois disse: «Três anos», e acrescentou: «E sabe que mais? Há apenas três coisas que uma mulher deve saber fazer.» Fez outra pausa e finalmente concluiu: «Dizer a verdade, montar a cavalo e assinar cheques.»

Jill não era a primeira filha que a mulher, Estelle, com dois filhos de um casamento anterior, lhe dera. A primeira que foi de ambos morreu com cinco dias de idade. Tinham-lhe posto o nome de Alabama. A mãe estava ainda muito débil, de cama, e os irmãos de Faulkner, que não se encontravam na cidade, não chegaram a vê-la. Faulkner considerou que não havia motivo para realizar um funeral,

já que em cinco dias a criança só tinha dado tempo a que se convertesse numa recordação e não em alguém. De modo que o pai a meteu no seu diminuto ataúde e a levou para o cemitério ao colo. Sozinho, sem avisar ninguém, depositou-a na campa.

Quando lhe foi atribuído o Prémio Nobel em 1949, Faulkner começou por se recusar a ir à Suécia, mas não só acabou por ir como por viajar, em «missão do Departamento de Estado», pela Europa e pela Ásia. Não se sentia muito bem nos incontáveis actos para que o convidavam. Numa festa dada em sua honra pelos Gallimard, que eram os seus editores franceses, ainda está na memória das pessoas que a cada pergunta dos jornalistas respondia concisamente e dava um passo atrás. Por fim, passo a passo, viu-se contra a parede, e só então os jornalistas tiveram dó dele ou o deixaram por o acharem insuportável. Acabou por se refugiar no jardim. Algumas pessoas decidiram ir para lá anunciando que iam conversar com Faulkner, mas regressavam ao salão de imediato com a voz alterada e uma desculpa qualquer: «Está um frio de rachar lá fora.» Faulkner era taciturno, adorava o silêncio, e ao fim e ao cabo só tinha ido cinco vezes em toda a vida ao teatro: *Hamlet* três vezes, *Sonho de Uma Noite de Verão* e *Ben-Hur* era tudo que havia visto. Também não tinha lido Freud, ou pelo menos foi assim que respondeu em certa ocasião. «Nunca li. E Shakespeare também não leio. Duvido que Melville o tenha lido e tenho a certeza de que Moby Dick não o fez.» O *Quixote*, esse, lia-o todos os anos.

Mas também garantia que nunca falava verdade. Afinal, não era nenhuma mulher, embora partilhasse com o sexo feminino a afeição por cheques e por montar a cavalo. Dizia sempre que tinha escrito *Santuário*, o seu romance mais comercial, por dinheiro: «Precisava desse dinheiro para comprar um bom cavalo.» Também garantia que ia pouco às grandes cidades porque não se podia ir até lá a cavalo. Quando começou a envelhecer e tanto a sua família como os médicos o aconselharam insistentemente a deixar de montar, continuou a fazê-lo e a saltar valas, e caía constantemente. Da última vez que montou sofreu uma dessas quedas. A mulher viu da casa o cavalo de Faulkner, aparelhado, junto da cancela, com a brida solta. Quando não viu por ali o marido, chamou o doutor Felix Linder e foram os dois procurá-lo. Deram com ele a mais de meia milha, coxeando,

quase arrastando-se. O cavalo tinha-o deitado ao chão e ele não conseguira levantar-se, tinha caído de costas. O cavalo havia-se afastado uns passos, depois tinha parado e olhado para trás. Quando Faulkner se conseguiu levantar, o cavalo aproximou-se dele e tocou-lhe com o focinho. Faulkner tentara agarrar as rédeas mas falhara. Depois o cavalo desaparecera em direcção à casa.

William Faulkner passou algum tempo de cama, muito combalido, e com grandes dores. Ainda não estava totalmente recuperado quando morreu. Estava no hospital, onde tinha sido internado para que os médicos pudessem observar como evoluía o seu estado. Mas a lenda não quer que tenha morrido disso, de ter caído do seu cavalo. Matou-o uma trombose a 6 de Julho de 1962, quando ainda não tinha feito sessenta e cinco anos.

Quando lhe perguntavam quem eram os melhores escritores norte-americanos do seu tempo, dizia que todos tinham fracassado, mas que o melhor fracasso talvez tivesse sido o de Thomas Wolfe e o segundo melhor fracasso o de William Faulkner. Disse-o e repetiu-o durante muitos anos, mas não deve esquecer-se que Thomas Wolfe morreu em 1938, quer dizer, muito antes daqueles anos todos em que William Faulkner fazia essa afirmação e estava vivo.